

data / /
cod ICAD00085

FREDERICO LANE

CACHIMBOS DOS ÍNDIOS KARAJÁ

Separata da
"REVISTA DO MUSEU PAULISTA"
Nova Série — Volume IV

SÃO PAULO
1950

CACHIMBOS DOS INDIOS KARAJA

por

Frederico Lane

Com as presentes notas não pretendo senão acrescentar alguns poucos dados ao excelente capítulo que sobre o assunto escreveu o Dr. Fritz Krause, baseado em suas observações e coletas feitas no Araguaia em 1908.

O material aqui estudado consta em sua maior parte de exemplares pertencentes às coleções etnológicas do Museu Paulista, acrescido de uma ou outra peça em posse de particulares, ao todo 23 cachimbos.

Quanto à origem do hábito de fumar entre os Karajá, não é fácil aceitar a afirmação colhida entre êsses índios pelo Dr. Krause, de que aprenderam a fumar com os “brasileiros”, mais ou menos na primeira metade do século XIX. Foge ao escopo do presente ensaio averiguar a antiguidade dêste hábito, mas deve ser êle remoto, se bem que talvez mais restrito de início a finalidades cerimoniais e medicinais, e não tão generalizado como na época presente, em que fumam indistintamente homens, mulheres e até as próprias crianças. Baldus (1937: 202-203) reproduz interessante mito karajá, relatado por Ehrenreich sob o título “O dilúvio”, em que fica evidenciado o hábito de fumar entre êsses índios, sendo fora de dúvida a grande antiguidade dêsse gênero de lendas.

O tipo de cachimbo karajá reflete fielmente, em especial nos exemplares mais antigos, a matéria prima que de início deve ter sido quase que intuitivamente empregada para a confecção dessas peças. Trata-se do fruto de um jequitibá que parece peculiar a essa extensa região do Brasil Central. Segundo identificação feita pelo Senhor Joaquim Franco de Toledo, do Instituto de Botânica da Secretaria da Agricultura, o fruto representa uma nova espécie dessas árvores. Por nimia gentileza do Senhor Toledo, tenho permissão de incluir no presente trabalho, destacada em “Nota”, a descrição da

espécie (*), baseada em abundante material de frutos, colhido pelos próprios Karajá a pedido do Senhor Harald Schultz, assistente de Etnologia do Museu Paulista. Infelizmente nenhum deles traz o respectivo opérculo, talvez em virtude do acondicionamento feito num cêsto de malha frouxa de buriti. De passagem, note-se que a figura do fruto que se encontra na obra de Krause (fig. 103), mostra o opérculo com o septo truncado logo de início. Este, na verdade, deve prolongar-se pelo interior do fruto, separando-o em três lojas onde se encontram alojadas as sementes. Estes frutos, que são pixídios, variam relativamente de tamanho; são grosseiramente sextavados, com espessas arestas longitudinais, e da base aumentam gradualmente de diâmetro; próximo ao bordo distal há um forte espessamento com pequenos tubérculos rasos e mal definidos; daí para o bordo são novamente estreitados. Apresentam, sem dúvida, todos os elementos essenciais de um perfeito cachimbo, tanto que os próprios sertanejos da região denominam a árvore de “cachimbeiro”, segundo informe do Senhor Werner C. A. Bokermann, que acompanhou em 1949, a expedição do Instituto Butantan ao Araguaia e regiões limítrofes. Pelos sertanejos o fruto é ocasionalmente utilizado ao natural, apenas perfurado lateralmente, junto à base, para a introdução de um canudo, e ligeiramente raspado na parte interna que serve de fornilho.

- (*) *Carliniana Carajarum* Toledo nov. sp. — Arbor silvestris ut videtur ingens, certe affinis *C. domesticae* (Mart.) Miers, a qua recedit pyxidibus fere duplum majoribus. Pyxides robustae, sine operculis vulgo 9 cm. longae, ad marginem calycularum 4.5 cm. diametro, crasse lignosae, extus cortice atro-castaneo minute et irregulariter fissis vel rugulosis obtectae, intus lateritia vel cinnamomea colore, obpyramidatae, rectae vel paulo incurvae, saepius distincte hexagonae sed angulis rotundo-obtusis et irregulariter crassis, interdum costis plusminusve conformibus ad superficies interangulares interjectis, dum pyxides longitudinaliter plusminusve rugosae; pars inferior vulgo 2.5 — 3 cm. diametro, in basin obliquam et obtusam abrupte attenuata, margine circa pedunculum insidentiam uno latere saepissime in labrum tumidum producta; margo calycaris 1.5 — 2 cm. infra orificium distantia, propter dentium calycarium rudimenta passim et irregulariter tumefacta; zona supracalycaris conoidea, parce rugulosa, 1.5 — 2 cm. alta, versus orificii marginem saepissime incurva; orificium ad aditum circularem e margine arguta circumscriptione vulgo 2 — 2.5 cm. diametro, ore brevissime crateriformi 3 — 5 mm. alta, deorsum in cavitatem triangularem circa 8 cm. profundo sensim angustatum, ad basin 0.5 — 1 cm., medium vulgo 1.5 — 2 cm. diametro; parietes cavitatis 3, elongato-oblongi sed ex apice usque ad basin sensim angustati, utrinque obtusi, prope orem paulo exsculpti, inter se lineis septalibus impressis discreti, supra tertium basalem usque ad apicem e seminum nucleorum obovatorum impressionibus 6 — 8, biseriatim dispositis et arcte imbricatis, profunde insculpti. Ceteri ignoti.

Habitat in Brasiliae civitate Goiás, in medio curso fluvii dicti “Araguaia”, secundum occidentales ripas insulae dictae “do Bananal”, ubi ab indigenis dictis “Carajás” collecta fuerunt fructuum specimina, quae anno 1948 misit cl. Harald Schultz (Sp. 44.809).

Para os Karajá tal material seria de emprego quase instintivo no fabrico de cachimbos. E assim deve ter acontecido. As peças mais antigas representadas nas coleções etnográficas do Museu Paulista, adquiridas em 1909, obedecem ao feitio dos cachimbos figurados por Krause. Três são de fruto (números 1463, 1464 e 1467 do Registro Geral) e três outros são de madeira (números 1465, 2849 e 2850), êstes porém indiscutivelmente modelados pelo tipo esculpido em fruto, e adequadamente denominado por Krause "imitações em madeira". Sendo raro, entre os Karajá, o emprego de canudos nos cachimbos, os frutos são sempre lavrados, o que é necessário principalmente para formar o bocal. Experiências feitas por mim com cachimbos de fruto lavrados e outros sem lavar, apenas com o canudo inserido lateralmente à moda sertaneja, mostram que os últimos são muito mais duráveis, exigindo apenas o cuidado inicial de formar boa camada de fuligem no forninho. Os cachimbos de fruto, quando lavrados, queimam com relativa facilidade. Dêsses cachimbos mais antigos, um dos exemplares (R. G. 1467) é liso na parte distal, parecendo tratar-se de peça inacabada e correspondendo à fase de elaboração indicada na fig. 104-b da obra de Krause. No entanto, outro exemplar liso (R. G. 1465), êste de madeira, apresenta indícios de ter sido usado. Tôdas as outras peças dêsse lote apresentam-se entalhadas circularmente próximo ao bordo, sendo o entalhe bastante marcado e profundo. Avento a hipótese de que êsse entalhe circundante tem por finalidade prática impedir as rachaduras longitudinais que ocorrem com certa frequência nos cachimbos, pelo efeito do calor nesta parte mais frágil do forninho. A cinta entalhada oferece uma solução de continuidade no material, limitando as fendas ao beiral do forninho e, assim, impedindo a inutilização completa do cachimbo. Que essas fendas não são infreqüentes, pode-se verificar em varios dos exemplares examinados e, mesmo assim, essa proteção nem sempre é inteiramente eficaz quando a cinta é rasa e simplesmente ornamental.

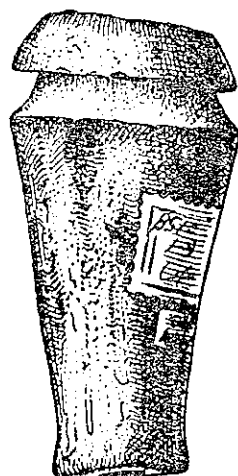
Segundo informações colhidas pelo Dr. Herbert Baldus em 1935, os Karajá, antigamente, quando tatuavam no rosto o seu distintivo tribal, usavam a bôca do cachimbo para marcar o círculo com regularidade. Entre alguns, êsse costume ainda continua, ao passo que outros substituem o cachimbo por qualquer moeda de tamanho conveniente.

Os frutos de jequitibá constituem sem dúvida, pela sua consistência mais fibrosa, um material mais fácil de ser trabalhado com ferramentas rudimentares e os cachimbos feitos com essa matéria prima devem ser os de tipo mais primitivo. Nenhum cachimbo de fruto sem ser esculpido foi examinado, apesar de constar nas coleções antigas um fruto registrado como tal (N.º 1462), mas que não mostra nenhuma evidência de uso, nem é perfurado e nem raspado internamente. Trata-se apenas de uma amostra da matéria prima de que são feitos os cachimbos.

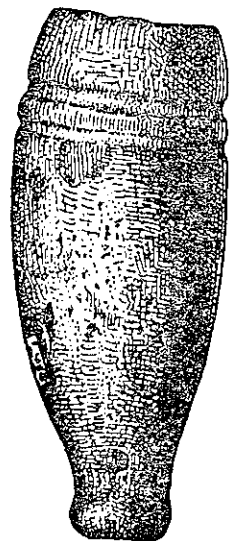
Os cachimbos de frutos desse lote antigo são todos pequenos (de 45 a 61 mm de comprimento) e cortados na base do fruto, rente ao término estreitado da cavidade interna. O bocal é largo (10 a 12 mm de diâmetro), não diferenciado a não ser por um pequeno chanfro raso na base, cujo fito é permitir uma melhor prensão (fig. a). Esses exemplares, sem uso, mostram ainda as insculpturas das sementes nas paredes internas. A sua prensão pelos dentes implica em ficarem os lábios mais abertos ao redor da base do cachimbo.

As imitações em madeira surgiram indubitavelmente depois dos Karajá possuírem ferramentas mais adequadas, tais como facas, conseguidas através de seus contatos mais freqüentes com os neo-brasileiros. Lavrados em madeira geralmente de fibra fina e compacta, são superiores aos cachimbos de fruto, tanto pela sua durabilidade, queimando menos no forninho, como pela possibilidade de serem esculpidos com um bocal mais longo, facilitando a prensão do cachimbo, o que para o Karajá, que o retém longamente na bôca, representa marcada vantagem. Dois desses cachimbos de madeira, de tipo antigo, são longos, um deles com 104 mm de comprimento; a forma é quase cônica, o bocal não é diferenciado e o diâmetro aumenta gradualmente até a bôca. Ambos são obliquamente chanfrados no rebordo, que é estreito, e apresentam profundo entalhe circundante. O mais longo é também o mais pesado de quantos foram examinados (33,5 grs.), entalhado em madeira bastante densa.

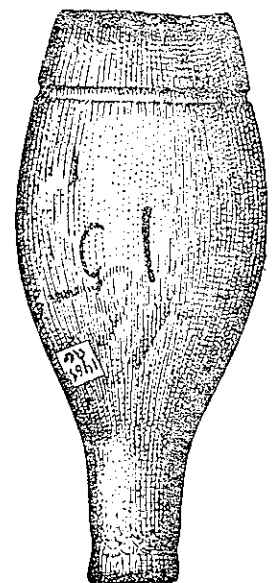
Da simples imitação em madeira, a julgar pelo exame de material mais recente, em especial um lote de 12 cachimbos coletados pelo Senhor Harald Schultz em 1947 e 1948, na Ilha do Bananal, sem desprezar de toda a forma geral do fruto, evoluíram os cachimbos karajá para um tipo mais ovalado (Fig. c.), variando do oval quase perfeito para um



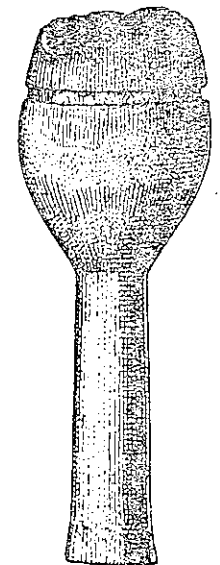
a



b



c



d

J. F. Toledo des.

Cachimbo dos índios Karajá.
(Da coleção do Museu Paulista)

oval alongado e para o elíptico. Nesse tipo predominam os cachimbos de madeira, com bocal bem diferenciado, mais ou menos longo (cêrca de 15 mm de comprimento), o que facilita plenamente a prensão. Dêsse formato ovalado, apenas três cachimbos são de fruto, com o bocal mais destacado que nos cachimbos antigos, mas necessariamente curto pela própria natureza do material (Fig. b.). Essas três peças são ornadas de duas cintas circundantes, se bem que numa (R.G. 2283) a cinta anterior não passa de uma simples linha. Por uma curiosa inversão, êsses cachimbos de fruto parecem antes imitações baseadas no tipo oval de madeira. Êsse tipo de cachimbo ovalado é o que aparece com freqüência nas reportagens fotográficas das nossas revistas ilustradas. Predominante na atualidade, não era tão freqüente antigamente, a julgar pela obra de Krause, mas já estava em uso na época em que êsse etnólogo visitou o Araguaia, pois aparece figurado no trabalho de Gustav von Koenigswald (1908: 221, fig. 41). Os cachimbos das figuras *b* e *c*, no presente trabalho, foram coletados pela Bandeira Anhanguera em 1937. Em todo o lote de cachimbos ovalados não aparece outra ornamentação além da cinta circundante, dupla nos de fruto, como já foi mencionado. Alguns exemplares são pintados de urucum, tinta que, além de amarelar com o tempo, é pouco durável nos cachimbos de madeira. Nos de fruto êsse corante é mais persistente, sem dúvida pela natureza mais fibrosa e áspera do material, permitindo maior penetração do urucum. A observação de Koenigswald (p. 223), de que os cachimbos são coloridos de amarelo, pode bem se relacionar a exemplares de corante já alterado.

Um tipo de cachimbo ainda mais recente e provavelmente uma inovação atual figura entre as peças examinadas. Num exemplar, coletado em 1949 entre os Karajá de Santa Isabel pelo Senhor Emilio Dente, participante também da Expedição do Instituto Butantan, o corpo do cachimbo é pequeno, levemente ovalado, mas com o forninho suficientemente amplo para uma boa carga de fumo; o bocal, porém, é longo, representando quase $\frac{2}{3}$ do comprimento total do cachimbo, que mede 84 mm. A cinta circundante é rasa e mais próxima do meio do corpo do cachimbo que do bordo. A madeira não é muito densa, mas o próprio formato dêsse modelo representa uma vantagem sobre os cachimbos ovulares, permitindo reduzir o pêso a quase a metade, sendo os comprimentos iguais. Um segundo exemplar, coletado entre os Javahé pelo Senhor Weber Machado da Silva, também em 1949, é aqui representado pela Fig. d. (R. G. 2929).

Divergindo dêsses formatos mais característicos do cachimbo karajá, aparece na obra de Krause (Fig. 106 a-b) um exemplar com ornatos de entalhe e pintado de preto, e um outro (Fig. 107) com um tubo encastado na base do cachimbo, no mesmo eixo dêste, servindo de boquilha. Koenigswald (1908 : 221, fig. 42) figura também um cachimbo atípico, de forma cônica e superfície um tanto côncava, e com a margem distal e externa do forninho rebaixada. Esses exemplares atípicos representam apenas peculiaridades de gosto individual, discrepando da tendência geral.

West (1934 : 155), em sua monografia, dedica apenas uma página aos cachimbos tubulares da América do Sul e na Pl. 43, fig. 7, mostra um cachimbo de madeira do Rio Araguaia, do tipo ovalado usado pelos Karajá. Mais recentemente, Lindblom (1947 : 28-29) dá algumas indicações bibliográficas sôbre o uso de cachimbos na América.

S U M M A R Y

In this paper a few notes on Karajá Indian pipes are given. The most primitive pipes were carved from the fruit of the "jequitibá" tree. After better tools were obtained through exchange with travellers on the Araguaia River, a wooden type followed. At first these wooden pipes were more or less a copy of the fruit model. Afterwards, an oval pattern came into use, and is today predominant. Although the fruit is still sometimes used as pipe material, the pattern is copied from the oval wood pipe. Recent travellers have brought back from the Araguaia specimens of yet another style in pipes, representing a decided improvement on account of the longer stem and lighter weight. Some of the pipes are painted red with "urucum" which goes yellow in time. On the fruit pipes, because of their more fibrous texture and rougher surface, the "urucum" painting is more effective and durable. Most Karajá pipes have a circular band carved on the bowl, close to the rim, the use of which is probably to stop longitudinal splitting.

B I B L I O G R A F I A

- Baldus, Herbert, 1937, *Ensaio de Etnologia Brasileira*, Brasileira, 101 : 202-203. Comp. Editora Nacional, São Paulo.
- Baldus, Herbert, 1949, *Os Tapirapé (Tribo Tupi no Brasil Central)*, *Rev. Arq. Municipal*, 122 : 167-172 (Narcóticos dos Tapirapé). São Paulo.
- Koenigswald, Gustav von, 1908, *Die Carajá-Indianer*, *Globus*, 94 (14 : 223, figs. 41 e 42 (p. 221). Braunschweig.

- Krause, Fritz, 1911, In den Wildnissen Brasiliens (Bericht und Ergebnisse der Leipziger Araguaya-Expedition 1908, pp. 258-261, figs. 103, 104 (a-c), 105, 106 (a-b), 107, 108 (a-d). Leipzig. Em tradução de Egon Schaden, sob o título "Nos Serções do Brasil" 1942, Rev. Arq. Municipal, 83: 156-160, figuras reproduzidas com a mesma numeração do original. São Paulo.
- Lindblom, Gerhard, 1947, Tabular Smoking Pipes, especially in Africa, Smarre Meddelanden, 21: 28-29. Stockholm.
- West, George A., 1934, Tobacco, Pipes and Smoking Customs of the American Indians, Bull. Publ. Mus. City of Milwaukee, 17: 155, pl. 43, fig. 7. Milwaukee.